



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

A MENSAGEM DO PENTATEUCO
SEMANA TEOLÓGICA
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS
22 DE ABRIL DE 2008

Rev. Jair Alvares Pintor

Introdução

“A Mensagem do Pentateuco” é o tema da palestra deste dia, numa semana separada para a reflexão sobre outras áreas bíblico-teológicas. Sentimo-nos na obrigação de esclarecer a razão pela qual o tema aparece no singular, tendo em vista que muitas “mensagens” podem ser tiradas dos cinco primeiros livros da Bíblia. Talvez, à guisa de esclarecimento, tenhamos que nos valer de algumas justificativas, tão comuns em face do grande desafio de sintetizar a Toráh dentro de uma só mensagem. Talvez, também, seja necessário fazer diferença entre mensagem e leitura. Isto é, a leitura da Bíblia pode ser feita de várias maneiras, porém, sua mensagem é uma.

É quase costume dos leitores da Bíblia, no contexto latino-americano, tratar o Antigo Testamento como uma coleção de livros com belas histórias. Desde os primeiros anos de aprendizagem nas escolas bíblicas, os aluninhos aprendem algo em torno da história de Noé, de Abraão, de Jacó, José, Moisés e tantos outros. Qualquer menino, um pouco esclarecido nas histórias bíblicas, poderá dar e com certa facilidade, linhas gerais sobre as biografias desses e de dezenas de outros. Até nos seminários e faculdades, o modo como a matéria é apresentada, deixa um pouco a desejar. Normalmente estuda-se o pentateuco, os livros históricos, os livros poéticos e os proféticos. Essa departamentalização do Antigo Testamento, sem considerar “o fundamento da revelação de Deus”, tem favorecido um certo retalhamento da mensagem que o Eterno, por sua soberania e graça, quis entregar aos homens. E, também comum, como conseqüência do que acabamos de falar, que muitos cristãos, fiéis e dedicados, não gostem de ler certos livros do AT, por os acharem vazios de mensagens ou de pouca importância para vida. São atitudes que precisam ser corrigidas.

O resultado de tudo isso é que a vasta maioria dos leitores da Bíblia no contexto brasileiro, faz uma idéia muito simples sobre algum ponto relevante que se deu aqui e ali, desconhecendo datas, contextos, autores, conflitos, objetivos e se mostram sem capacidade analítica e exegética. Em se tratando do pentateuco, o que fica claro para a vasta maioria dos estudantes e leitores, é a dificuldade para entender, por exemplo, a pré-história israelita. Assim, Gênesis, do primeiro ao décimo primeiro capítulos, permanece na área dos grandes mistérios. O muito que se esperar dos estudantes dos seminários e faculdades é que saibam alguma coisa sobre a história de Israel. Mesmo assim, sem a devida atenção e compromisso num conhecimento mais profundo. Portanto, perguntamos: como desafiar os leitores da Bíblia para uma re-leitura do pentateuco? Como convencer os leitores de que o pentateuco tornou-se o fundamento para a compreensão de toda a Escritura? Como receber o pentateuco como o primeiro evangelho que anuncia as palavras e os feitos de Deus de modo claro e objetivo? Como conceber a revelação plena de Deus diante da obra criada, do homem formado à sua imagem e semelhança e diante do desafio redentivo? Seriam esses temas privilégio de alguns poucos eruditos que têm se levantado pelo mundo afora? É por esses desafios que pretendemos andar em nossos pensamentos, procurando, com algum esforço, convencer alguns para uma nova leitura do pentateuco.

A leitura da Escritura e do pentateuco.

O dr. Martin-achard (1970), em sua obra “Como Ler o Antigo Testamento”, registra quatro maneiras para a leitura da Bíblia. A leitura atomizada, ou seja, o leitor toma um versículo ou um texto como



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

inspirado, sem considerar a época de escrita, quem escreveu e a quem foi escrito. A edificação da vida fica por conta de pequenos textos destacados dos demais como: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará; Vai na força que tu tens; Bem aventurado o homem que põe a sua confiança no Senhor”, e assim por diante. De acordo com Martin-achard esse método de leitura toma pequenos textos como “energia” ou seja, como “átomos” para a vida diária e, são, por isso, insuficientes, pelo fato de que não se pode tirar a “mensagem” verdadeira dessas frases esparsas. O diabo fez uso de passagens esparsas numa tentativa de confundir o Senhor. Foi, contudo, rechaçado pela leviandade de sua comunicação. Pode-se concluir, sem medo de errar, que muitos púlpitos brasileiros fazem uso desse método para edificar o povo de Deus. O segundo método de leitura, citado por Martin-achard, é o histórico, muito utilizado pela maioria dos leitores da Bíblia. O perigo deste método, segundo o autor, reside no fato de que tendemos a ressaltar os “grandes vultos” da história em detrimento de outros, sem os quais a mensagem divina ficaria apequenada. Além disso, poder-se-ia admitir no espírito, de que toda essa época já passou e pouca relevância tem para nós. Teríamos em mãos, alguns escritos antigos, guardados em velhas bibliotecas e em museus, os quais nos dão alguma notícia sobre povos antigos que foram castigados e rejeitados por Deus. Martin-achard afirma: *Márcion, logo no começo da História da Igreja, pedia abertamente a supressão dos escritos judaicos do Cânon cristão; muitos dos nossos contemporâneos não têm tal fraqueza, mas desejam que não se fale mais ou então que se fale muito pouco do Antigo Testamento...*. Além do perigo registrado pelo autor citado, pode-se incorrer num erro muito comum nos púlpitos do Brasil, Trata-se de anunciar-se os valores biográficos de vários servos de Deus e deixar de falar sobre o poder de Deus na vida deles. Isto tem acontecido, principalmente quando os pregadores dissertam sobre o apóstolo Paulo ou outro vulto maior do cristianismo. Acabam por pregarem sobre Paulo e não sobre o Deus de Paulo. O terceiro método, conforme o autor citado, é chamado de tipológico. Por meio desse método, afirma Martin-achard, os pais da igreja e os demais cristãos, procuraram ver e ler todas as coisas possíveis do AT que tivessem ou fizessem alguma ligação com Cristo. Assim biografias como Isaque, José, Samuel, Salomão e “coisas ou objetos” como a arca de Noé, o Tabernáculo, etc, etc, formam um quadro de antítipos de Cristo, indicando certas semelhanças ou com sua pessoa ou com seu ministério. Segundo o autor, há muita riqueza neste método, mas previne aos que dele utilizam, que qualquer abuso ou entusiasmo, pode beirar à alegoria. É menos comum, ao nosso ver, a utilização deste método no meio dos pregadores brasileiros, não que inexistam. Basta lembrar que literatura como a que compõem o livro de Cantares, é quase sempre alegorizada, como aconteceu no passado da igreja. Por fim, o autor apresenta o método teológico. Sobre esse método, Martin-achard registra: *“Trata-se de compreender o texto e deixá-lo falar o mais claramente possível e o mais que puder. Essa leitura implica uma exegese real e profunda da passagem proposta ao nosso exame e à nossa meditação; os elementos essenciais do texto, sua origem, a estrutura, a situação no conjunto do livro em que aparece, seu lugar no quadro geral da Antiga Aliança, são indicações essenciais para a sua justa compreensão; a este estudo se acrescenta naturalmente a procura do contexto histórico, literário, geográfico, etc. O alvo é atingir a mensagem específica do texto que estuda, de encontrar o centro teológico”*. Para este biblista, somente após essa longa e trabalhosa tarefa, é que ouviremos a voz de Deus e, na palavra escrita, encontraremos seu jeito de se comunicar. Notem que Martin-achard escreve sua obra com a visão de todo o Antigo Testamento. Podemos, contudo, aplicar sua visão do modo como estamos lendo o pentateuco. Em outras palavras, poderemos aplicar os quatro métodos registrados por Martin-achard à leitura do pentateuco, com o objetivo de encontrar, nessa primeira parte das Escrituras, a mensagem de Deus para nossos dias. Contudo, o destaque está no método teológico. Esse método, que exige do leitor e estudante da Bíblia, uma dedicação maior, fidelidade ao texto em estudo e uma pesquisa larga, deve ser considerado com maior apreço.

No processo de leitura, pesquisa, análise e exegese, poderemos nos deparar com muitas mensagens. Essas mensagens, não obstante, nunca serão estanques, mas apresentar-se-ão aos nossos olhos e



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

corações, não só em perfeita harmonia, mas de modo dinâmico, conduzindo-nos ao centro da verdade expressa pela revelação. Aliás, a pluralidade das verdades bíblicas que se nos apresentam, quando estudamos um ou outro texto, são oriundas de uma só verdade. Talvez uma das maiores falhas dos pregadores de nosso contexto seja, exatamente, extrair uma mensagem de um texto qualquer e anunciá-la como verdade plena, como última verdade, sem levar em conta o critério hermenêutico mais simples que é a Escritura interpretando a própria Escritura. Muitos pregadores tiram o dinamismo do espírito da palavra revelada e tornam o texto estático e simplório, que pode ser aplicado bem a gosto de muitos que nada entendem da revelação de Deus. Pode-se concluir, então, que a maneira de ler o pentateuco é tarefa de quem pode e quer se debruçar sobre o texto, utilizando os métodos adequados, na busca pela verdade de Deus.

Existe uma mensagem no Pentateuco?

Essa questão abre espaço para uma grande reflexão. Como ter em mãos uma obra composta por cinco livros (em nossas versões, pois na antigüidade eram dezenas de rolos), lê-la, examiná-la e encontrar nessa extensa gama de informações, uma só mensagem? Não parece aos nossos olhos, tarefa impossível? Talvez, por isso, a vasta maioria das obras introdutórias e as obras teológicas sobre o Antigo Testamento, procurem fugir desse desafio e registrem seus escritos ou numa longa discussão sobre os documentos E, J e P, ou, então, desenvolvam um raciocínio lógico fundamentado nos dados históricos do povo de Deus. Há aqueles que desenvolvem seus estudos fundamentados nas alianças de Deus e tratam, por exemplo, o livro da gênese, em duas partes distintas, ou seja, a pré-história hebraica e os primórdios da história dos hebreus, a partir do capítulo 12. Isto significa que há escritores que tendem para uma linha histórica, outros, para uma linha das fontes (E, J e P), e outros, ainda, para a linha das alianças. O Dr. van Groningen, em sua obra “Revelação Messiânica no Velho Testamento”, na parte 3, p. 91 e seguintes, discute, de modo semelhante, a questão ligada à nossa pergunta. Ele começa afirmando: “*A opinião dos eruditos do século XX está dividida sobre se Gênesis 1-4, deve ser considerado revelação divina ou uma confissão de fé que surge de uma comunidade que crê*”. Mais adiante esclarece: “*Gênesis 1-4 não é uma confissão originada em círculos sacerdotais. Não é um credo primitivo sobre as origens. Também não é uma afirmação poética destinada a corroborar fé em Deus, que sempre esteve e estará presente, exercendo domínio sobre todos os eventos e dando significado às experiências de todos os que buscam segurança existencial no meio das exigências da vida. Pelo contrário, a passagem diante de nós tem de ser considerada revelação divina. Deus nos deu a mensagem apresentada em Gênesis 1-4 por meio de Moisés*”.

Notem que van Groningen coloca diante de nossos olhos o alvo definido para respondermos à questão de - Como extrair a mensagem de Deus na leitura do pentateuco. Com isto não negamos a linha de exposição dos demais estudiosos, mas encontramos um ponto fundamental sobre o qual poderemos caminhar mais seguros na procura da mensagem de Deus. Encontramos, ainda, em van Groningen um esclarecimento que passa a ser importante para quem está aceitando o desafio de encontrar a mensagem de Deus no pentateuco. Ele afirma: “*Gênesis 1 a 4 deve ser considerado o que pretende ser: o relato que Deus faz de si mesmo, de suas palavras, seus atos e suas intenções com Adão e Eva*”. Notem que esse autor esquematiza Gênesis 1-4, numa primeira instância, como a maneira de Deus revelar-se aos primeiros pais. No capítulo seguinte de sua obra, van Groningen registrará o que pensa sobre a relação de Adão com Deus, destacando o pacto real. Com isto o autor citado admite e aceita que o conceito de Reino de Deus nasce na relação do Eterno com Adão e sua mulher. Ele registra: “*A humanidade foi criada real. O Criador soberano criou a humanidade como membros da família real divina*”. Tomando a posição de van Groningen a respeito do pacto de Deus com Adão, como princípio para nossa reflexão, poderemos entender nossas falhas fundamentadas numa postura simplória a respeito da relação do Criador diante do primeiro casal. O que queremos



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

esclarecer é que temos abandonado essa parte das Escrituras. Ela não faz parte de nossos estudos e reflexão. Os líderes “espiritualistas”, que procuram defender as Escrituras e muitos teólogos, nunca se debruçaram sobre essa parte das Escrituras procurando a verdade sobre Deus e sua auto-revelação.

Afirmamos, pois, que para se encontrar a mensagem de Deus no pentateuco, devemos partir da revelação que Deus quis dar de si mesmo diante das coisas criadas, diante da formação do homem e da mulher, diante do ato de desobediência dos pais primitivos e diante do plano de redenção da humanidade. Diante disso, o que nos resta é “pensar Deus”. O grande desafio será ver com os “olhos do coração”. Teremos, então, que nos despir de pensamentos religiosos a respeito de Deus; de pensamentos doutrinários a respeito de Deus; de posturas tradicionais ou radicais. Temos de nos “soltar” na direção de Deus, pela fé, e deixar que, por meio do Espírito de Cristo, encontremos a fonte inesgotável de sua essência magnífica, esplendorosa e incompreensível. Somente por meio de Cristo, tesouro do conhecimento e da sabedoria de Deus, cf Cl 2.3, poderemos vislumbrar alguma coisa daquilo que Deus é em seu próprio ser.

Cristo, a palavra diante da criação dos céus e da terra.

Optamos, aqui, pelo uso do advérbio “diante de” em lugar da preposição “em o = no ou em a = na”. Admitimos que Deus se auto-revela diante da obra criada e não nela ou por meio dela. Uma coisa é Deus, em sua essência, revelando-se diante de alguma coisa e outra coisa é Deus criando alguma coisa que O revele. Deus é antes de “alguma coisa” e não é o que é, por meio da coisa criada. A nossa leitura do pentateuco deve começar pela idéia clara daquilo que Deus é antes da criação do mundo e de todas as coisas que nele existem. Não podemos ver a obra criada e procurar, por meio dela, encontrar a compreensão daquele que fez todas as coisas. Isso é próprio daquele que não recebeu o dom da fé, conforme teologia paulina em Rm 1. As palavras que Moisés usou para narrar os feitos e as palavras do Eterno, são meras gotas d’água num imenso oceano que possamos imaginar, seja o Senhor. As palavras, em todo o seu sentido semântico, não poderiam exprimir a grandeza do Espírito que é nosso Deus. Então temos que admitir: Só podemos conhecer a Deus pelo que Ele revelou em sua palavra. Amém. Concordamos. Todavia perguntamos: Que palavra ou qual palavra? Qual é a palavra que dá sentido e conteúdo à narrativa mosaica? A palavra é Cristo, ou melhor dizendo, o espírito da palavra é Cristo, autor de toda obra criada, autorizado pelo poder do Espírito Eterno, cf Jo 1.3; Cl 1.15,16; Hb 1.2,3. A informação que a teologia bíblica nos dá é que “*Ele é antes de todas as coisas*”. Aqui está o sentido da fé, pois os teólogos perguntam: Como conhecer alguém sem que esse alguém se expresse de alguma forma? Não podemos negar que os eruditos tenham razão. O que podemos fazer é ir além da proposta deles, ou seja, lançamos nossa crença naquele que é o que é antes de ter criado todas as coisas. Isto significa que Deus é o que é antes de qualquer revelação, seja de coisas criadas, da formação do homem ou de seus grandiosos atos de poder, justiça, misericórdia e fidelidade. Ele é o que é e podemos inferir que Ele é muito mais do que possamos entender ou procurar entender.

A reflexão sobre a palavra escrita e a palavra eterna é de suma importância para aqueles que buscam uma compreensão mais profunda sobre a mensagem do pentateuco. A palavra escrita é mera simbologia de uma realidade grandiosa e eterna. A palavra escrita desgasta-se com o tempo, mas Cristo, a palavra eterna, é o mesmo ontem, hoje e o será para sempre. Notem como temos dificuldades para penetrar nos mistérios da palavra eterna. O Dr. Luis Alonso-Schökel, em sua obra “A palavra inspirada”, p. 23, referindo-se à revelação pela criação, afirma: “*As palavras “natureza”, “universo” e “cosmos” são pobres substitutos da palavra “criação”. Porque a verdadeira substância de toda a natureza é ser criatura, e, como tal, revelação de Deus; ou se desejamos um vocábulo demasiado preciso, manifestação de Deus. Tudo o que Deus realiza fora de si mesmo o manifesta, sendo, em sentido amplo, uma espécie de língua*”. Notem como Alonso-



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, Evangelista, Ministro, Erudito, Apto, Reto

Schökel é subserviente à simbologia da palavra. Ele está afirmando que qualquer coisa criada por Deus, de todas que criou, emite uma mensagem a respeito de Deus. Isso é lindo e verdadeiro. Concordamos. Por mais verdades que existam na exposição, de Alonso-Schökel, ainda paira no espírito do leitor, uma sensação de que algo muito maior está por detrás da simbologia da palavra. Isto mostra que a grandeza da mensagem que cada coisa expressa, em gratidão ou glória da parte de seu Criador, ainda é parte ínfima do todo da grandeza de Deus. Continuamos a perguntar: Será que precisamos de algo para entendermos a natureza, os sentimentos e os propósitos de alguém? Será que o princípio não seria conhecermos alguém, antes de suas manifestações por meio de suas ações? Isto é possível ao espírito humano? Quando elegemos um presidente da república para seu primeiro mandato, fazemo-lo em decorrência do que ele fez e se revelou como pessoa idônea, equilibrada, fiel e capaz? Ou o elegemos na esperança de que ele seja tudo o que pensamos deva ser? Notem como isso é importante. O nosso espírito enche-se de esperança diante da possibilidade de um presidente que revele ou manifeste todas as virtudes desejáveis para o sucesso do país. Ele ainda nada realizou e continuamos na esperança de que o faça com equilíbrio e idoneidade. Há algo antes das realizações. É esse algo antes que nos intriga e desejamos compreender. Isso é que leva a pensar Deus antes das obras criadas, antes da formação do homem e antes de tudo. Trata-se de um salto de fé. Se a ilustração simples sobre a eleição de um governo pode mostrar-nos um método que ilumina nosso ser e nos conduz pela via da crença, então temos que pensar, não pelo que vemos e sentimos, mas que cremos. É pelo salto da fé que poderemos ler novamente o pentateuco e compreender o Deus da criação, o Deus da história. Os métodos criados pelos homens, ajudar-nos-hão a ampliar nosso conhecimento e nossa crença num Deus de imenso poder e graça.

Gênesis 1.1, palavra que fundamenta a fé.

O primeiro versículo do primeiro capítulo da gênese nos dá as primeiras informações sobre a essência de Deus, antes mesmo de seus feitos e de suas palavras. Antes de tudo, é preciso que aceitemos esse versículo como inspirado pelo Espírito Eterno. Não existe em nenhuma literatura religiosa no mundo inteiro, exceto João 1, que registre com tanta precisão e grandeza, algo misterioso que descansa nos tempos eternos. Os exegetas e os eruditos têm procurado entender e explicar o que seja o termo hebraico “no princípio”. Os hebreus gastaram tempo e papel numa tentativa de assegurar às gerações futuras, uma compreensão mais objetiva do significado desse texto. Chegam a declarar, em suas reflexões, que existe uma intenção evidente de dar ao homem uma consciência de que tudo se deve à criação divina, ou seja, a um único Deus. Esse texto, segundo esses eruditos, marca a diferença entre o modo como o Eterno cria todas as coisas pelo poder de sua palavra e o modo como os mitos dos povos antigos narraram a criação do mundo. Parece, quando lemos esse registro, que Deus, sabendo que mitos narrariam sua ação na criação de modo deformado, antecipou-se e levou Moisés a usar as palavras que lemos em nossas Bíblias. Isto nos parece uma postura interpretativa muito simplória. O Eterno não tem nenhuma necessidade de se defender das idéias que os homens criaram a respeito da obra criada. Mas não são somente os hebreus que se sentem enfraquecidos diante do versículo 1 de Gênesis 1. Os cristãos têm discutido e analisado de muitas maneiras esse texto e encontram as mesmas dificuldades. Por exemplo: O Dr. Claus Westermann, em seu comentário de Gênesis, refletindo sobre os versículos 1 a 3, registra uma possível versão que ajudaria na compreensão sobre os feitos de Deus. Ele registra que a melhor versão poderia ser: “*No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era ...*”. Além dessa possibilidade poder-se-ia ainda pensar numa frase inicial como: “*No princípio de Deus criando os céus e a terra ...*”. Nessa linha de pensamento caminham muitos outros eruditos. Vejam, então, quanta dificuldade existe quando passamos a depender tão somente da palavra escrita.

Nós, também, podemos apresentar nossas opiniões, fundamentadas nos trabalhos de outros estudiosos. Entendemos que o termo “b'reishit” é formado pela preposição “veit” prefixando o



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

substantivo “r’eshit” que significa: *começo, início, princípio, primeiro, primícias, principal, melhor*. Poucos, contudo, têm notado que “r’eshit” pode ser variante de “r’osh”, um substantivo primitivo que significa: *cabeça, monte, pico, cume, chefe, líder, começo, início, o mais elevado, o melhor, o maior, o principal, o que é total ou pleno, soma*. O que essa exegese e análise querem nos mostrar? Que temos pela frente uma palavra cujo significado é maior que sua estrutura simbólica. Há nela um espírito que assopra sabedoria. Há nela uma presença augusta de um ser que é imenso em sabedoria e poder. Não podemos ler simplesmente uma palavra que inicia uma narrativa mosaica apontando para um suposto princípio, um suposto começo. Temos que lê-la pelo ângulo da fé que nos mostra, antes de tudo, um ser grandioso que é mente realizadora e cabeça dominante sobre aquilo que é o melhor; uma cabeça pensante que é capaz de efetuar aquilo que é mais elevado; um sentimento de visão ampla e de plenitude que tudo faz com profundo sentido vitalizante. Eis aqui a chave para se crer em Deus, antes que sua obra fosse manifestada. Notem a voz passiva. Tudo o que Deus criou tornou-se algo revelado pelo poder da palavra. Antes está Deus e depois sua palavra. A obra criada é passiva e não ativa. Essa é a idéia das línguas originais. É como o nascimento de uma criança. Ela não nasce, é nascida. Assim foram as coisas criadas. Somente vieram à existência pelo poder e ação do Espírito divino. Isso é suficiente para que nosso espírito fique aguçado e se debruce sobre uma reflexão sadia sobre o ser de nosso Deus, antes mesmo que qualquer obra fosse criada e ministrasse essa revelação. É preciso, contudo, fé, na busca pela compreensão de quem é imenso em seu próprio ser.

Se nos é permitido utilizarmos a palavra humana para simbolizar o imenso campo de nossa fé, então é possível perceber que no primeiro versículo da gênese, o nosso Deus posta-se diante da criação dos céus e da terra de modo soberano, poderoso, glorioso, perfeito, vivente, amoroso, eterno, bom. O texto não está interessado numa epistemologia e muito menos num tratado de sistemática. O texto está aberto, escancarado, para nos conduzir ao espaço da fé. Eis aqui um mistério. Caso não tivéssemos o texto da gênese 1, mas tivéssemos o primeiro versículo, por acaso não seria ele suficiente para que nossa fé fosse impulsionada na direção do Eterno? Não precisaríamos de narrativas longas com disputas intermináveis entre deuses, invejosos, opressores, assassinos e insaciáveis. Na gênese da criação dos céus e da terra, conforme relato mosaico, encontramos um Deus completamente diferente em suas ações e em suas palavras. Ele simplesmente ordenou e os céus e a terra foram formados, perfeitos, lindos, magistras, gloriosos. O texto de Gênesis 1.1 nada declara sobre algum discurso da parte de Deus. Também, o Deus de nossa fé não discutiu com nenhum outro deus, não lutou contra forças imensas opositoras, não oprimiu alguém no ímpeto de seus desejos. Podemos ver, contudo, pelos olhos da fé, que a ação primeira foi realizada por um Deus grandioso, todo-poderoso, soberano, pleno de amor, harmonia e paz. Simplesmente, numa postura de espírito brando, sensível e terno, pelo poder da palavra, agiu como devia agir, de acordo com a naturalidade de seu próprio ser.

Até aqui estamos tentando nos convencer de que a fé em Deus antecede qualquer símbolo ou fato real ou doutrina ou princípios ou conceitos. A fé antecede mesmo qualquer compreensão sobre as virtudes e os atributos de Deus. Ela está acima dos atributos de Deus. Quando discutimos a cognoscibilidade de Deus, entramos por um espaço de escravidão a princípios e argumentos filosóficos. Usamos os recursos filosóficos para tentarmos conhecer a Deus. Ficamos aprisionados dentro da linguagem mais esclarecedora possível e nos damos por felizes porque podemos afirmar diante do mundo que Deus pode ser conhecido por isto e mais aquilo. Será isto suficiente? Pode alguém conhecer sem ver? Pode-se contemplar Deus pelo intelecto somente? Tudo indica que não. É preciso um caminho mais seguro. É preciso o caminho da fé. Não que o estudo sobre o conhecimento de Deus, fundamentado em sua revelação, deva ser relegado a planos inferiores. Contudo, julgamos quase impossível, ao leitor do pentateuco, conhecer a Deus, sem que antes crer nEle. Não é que a fé deva anteceder o conhecimento, mas a fé deve estar acima da ciência. Aqui vale dizer que devemos crer no Deus da ciência e não na ciência de Deus; crer no Deus da criação e



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

não na criação de Deus. chamamos a atenção para algo que julgamos importante. A leitura do pentateuco somente será útil e proveitosa caso seja feita pelo ângulo da fé. Há, deste modo, dois grupos de leitores do pentateuco. Um grupo formado por eruditos e sábios e outro formado pelos que crêem. É preciso dizer que somente os que crêem terão alguma possibilidade de alcançar sabedoria na leitura da Toráh, que lhes servirá como subsídio de aconchego e comunhão com o Senhor.

O objetivo da criação e da formação do homem.

Temos entendido, no desenvolvimento de nossa tradição cristã, que o objetivo de toda a criação é louvar o criador. Temos aprendido desde há muito, que o homem foi criado para a glória de Deus. Vale dizer que o louvor da criação diante de Deus, não é um terceiro elemento, senão que forma uma unidade de expressão que inclui o Criador e a expressão de sua vida na obra criada. Da mesma forma, temos de entender que a glória devida a Deus não é um terceiro elemento que depende da vontade do homem de glorificar ou não. Não se pode pensar em três estágios, como: Deus, o criador; o homem, ser criado; e, a glória, expressão de louvor. Não é essa a idéia. A idéia é Deus, em sua glória e o homem como o glorificador. O ser criado é, assim por dizer, o reflexo da glória de Deus. Como ser criado, não possui nenhuma glória, exceto a que lhe foi concedida pela misericórdia de Deus. Ele é a glória e nós somos o resplendor de sua glória.

Resta-nos descobrir como a natureza expressa seu louvor e como o homem glorifica. Ora, o fundamento do louvor e da glória está na vida que o criador concedeu tanto à natureza como ao homem. Só existem louvor e glória onde há vida. E, como a vida é o que é e existe por existir, sem tempo e sem espaço, a vida é um fenômeno auto-existente, como Deus é auto-existente. Então a vida, como fenômeno concedido, é dádiva de Deus ou seja, é Deus dando-se a Si mesmo. Todas as coisas sofrem transformações e o ser humano passa. Mas a vida concedida à criação e ao ser humano, é o que é para sempre. Nisto é bom ter em mente que a vida é antes de todas as coisas e a vida é antes da formação do homem e da mulher. Do mesmo modo como a palavra humana, utilizada por Moisés para a narrativa da gênese, vem depois da palavra eterna, Cristo, a vida é antes de todas as coisas e antes da formação do homem e da mulher. Talvez aqui se abra um espaço melhor para se entender as palavras de Cristo quando afirmou: “*Eu sou a vida ...*”.

A nossa interpretação do primeiro capítulo de Gênesis nos leva a crer que a unção da vida está na ação de Deus em abençoar, primeiro a criação, em segundo, o homem e a mulher e em terceiro, o tempo da comunhão, cf Gn 1.22, 28e 2.3. A liturgia divina da bênção diante da obra criada, diante do homem formado e diante do tempo da comunhão eterna, tem significado. Dentre os maiores significados está o teor teológico de que Deus concede à obra criada, ao homem formado e ao lugar da comunhão eterna, autoridade para continuar o que sempre existiu, ou seja, o fenômeno da vida. Cabe à natureza e ao homem administrarem a continuidade e o domínio da vida. O tempo da comunhão eterna é referido como dia do descanso. Diante da natureza, as palavras humanas utilizadas por Moisés “... Sêde fecundos, multiplicai-vos ...”, conotam a idéia de expansão e continuidade. Diante do homem formado, as palavras mosaicas são “Sêde fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a ...”, ampliam o entendimento de expansão e continuidade. Estes imperativos usados por Moisés, conforme inspiração do Espírito de Deus, conotam, além da ação de expandir e dar continuidade às prerrogativas da vida, acrescentam a idéia de transmissão de vida. O verbo hebraico, usado por Moisés no imperativo, “vêqivishurráh” para “sujetai-a”, conota a idéia de relação íntima, como a relação sexual. Isto nos leva a crer, que a vida concedida ao homem, deu-se na mais sensível e amorosa intimidade do Senhor com o ser criado. Do mesmo modo, agora, o ser criado tornava-se agente de amor e sensibilidade, com a honra de transmitir vida à terra. Aquilo que estava escondido nos mistérios de Deus, agora tornou-se revelado e parte do ser criado. O véu foi tirado. Infelizmente o homem Adão não entendeu toda a grandeza da revelação de Deus e veio a



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

tornar-se um rebelde.

Quando o homem e sua mulher desobedecem à ordem do Criador e pecam diante do Eterno, perdem a autoridade de ministrar vida ao mundo, pois se submetem ao princípio da morte. Deus, fiel em seu amor, levantou um segundo homem – Jesus – em quem pode se alegrar por sua obediência até nos momentos de profundo sofrimento.

Ler o pentateuco, com o devido cuidado, após profundo estudo e reflexão, poderemos nos encher-de gozo no Espírito pela compreensão desta verdade bíblica. O fundamento que está em jogo é a vida. Não é o binômio vida versus morte, como quer a filosofia, mas a vida. Deus, não é Deus da morte; é Deus de vida. Tudo o que está em jogo é a vida, primeiro fenômeno da eternidade. É interessante como João entendeu essa verdade com muita clareza e simplicidade ao afirmar: “*A vida estava nele, e ele era a luz dos homens*”.

Daqui para a frente, lendo o pentateuco, aprenderemos que todos os conflitos entre Deus e os homens e por conseguinte com toda a criação, transitam dentro do fenômeno chamado vida. Notem, por favor, que a partir do pecado do primeiro casal, a vida, ferida pelas prerrogativas da morte, somente encontra sua plenitude, depois de passar pela pedagogia do sofrimento. Ficamos meditando nesta questão. Teria Deus autoridade para substituir simplesmente o primeiro casal por outro ou por outra entidade? Certamente que responderíamos que sim. Ele é soberano para isso e muito mais. Então, por que Deus não pôs fim ao pecado ali mesmo, no Éden? Porque se Deus fizesse isso, feriria o princípio da vida. Deus é vida e simplesmente não pode impedir que a vida se manifeste como tal, pois do contrário teria que impedir que sua vida deixasse de ser vida. O compromisso de Deus foi com a vida concedida ao homem e à natureza e quebrar esse compromisso, faria dEle um Deus sem compromisso, sem fidelidade e sem caráter equilibrado. Além disso, a vida concedida ao homem foi parte de Si mesmo e não sua plenitude vitalizante. A verdade é que Deus se deparou com um grande problema com o pecado de rebeldia da parte do home. O problema foi o de restituir sua própria vida, mortalmente ferida pelo ser criado ou perder parte de sua essência. Como Deus não pode deixar de ser o que é, optou pelo sofrimento e pela restituição plena da vida, uma vez concedida. Então a palavra humana revela a grandeza do plano eterno de redenção de toda a humanidade, cf Gn 3.15.

A palavra da redenção.

Chamado por muitos como o proto-evangelho, Gênesis 3.15 registra o anúncio da redenção por meio do filho da mulher. Esse texto fundamenta toda a história da redenção, tendo como conteúdo a ação de Deus diante dos homens, da obra criada e das entidades celestes. Todo o “kosmos” está na mira de Deus, como elemento carente de redenção. Notem bem, quando falamos em redenção incluímos as idéias de saúde, equilíbrio, reconciliação, comunhão, amizade, filiação e vida eterna. A idéia de salvação da alma é mesquinha e redutora. O pecado assumido pelo primeiro casal atingiu a humanidade, a terra e os céus. Todo o orbe terrestre e celeste está afetado pelo mal oriundo do pecado primitivo. Todo o orbe terrestre e celeste, está carentes da ação redentora de Deus. Onde se desenvolve o primeiro quadro do projeto redentor de Deus? Nos primeiros cinco livros da Bíblia. Qual a pedagogia do projeto redentor? O sofrimento ou o sacrifício, cf Gn 3.21. Isto significa que diante da vida ferida mortalmente, em decorrência do pecado, alguém tem de se conformar com a ferida mortal que gera grande sofrimento. Quem sofre primeiro? O autor da vida que foi ferido pelo pecado do homem. Como entender as palavras “*O meu espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal*”, senão que o Eterno está decepcionado com o ser criado à sua imagem e semelhança. Mas Deus pode ficar decepcionado? Sim. Deus pode ficar decepcionado e sua decepção inclui um estado de profundo constrangimento. Parece que podemos ouvir o Senhor se perguntando: Mas onde foi que eu errei? Sabemos, porém, que Deus não erra. O erro do homem, contudo, constrangeu aquele que tudo fez com tanta alegria e auto-confiança. No grande projeto de



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

transmissão de vida ao mundo, o homem, formado do pó da terra, foi uma grande decepção. Felizmente, o segundo homem, nascido de uma mulher, foi de total satisfação e prazer.

Agora, temos de refletir numa teologia ao lado de uma antropologia. O homem tornou-se igual a Deus, ou seja, conhecedor do bem e do mal. Sai de um estado de singularidade e singeleza e entra para um estado de complexidade e malícia.

Do ângulo teológico, Deus inicia sua ação diante do homem incapaz por meio de teofanias. Martin-achard afirma, em seu livro “Como Ler o Antigo Testamento”: *“O AT constitui propriamente uma teofania, isto é, uma manifestação de Deus, ele nos dá conta de sua revelação a Israel e através de seu povo ao mundo”*. E mais à frente, afirma: *“Entretanto Deus não aparece nas páginas do AT como ser que se basta a si mesmo, mas como o Deus que entra em relação com as suas criaturas, um Deus voltado para o mundo, que vem ao encontro da humanidade. O Deus da Escritura não guarda invejosamente sua autonomia, ele lança pontes entre os homens e ele, ele é o Deus da aliança”*. Isso parece nos bastar para que aceitemos a ação de Deus diante dos homens. Essa ação foi livre e não dependeu de nenhuma virtude por parte do homem. Relacionar-se com o ser criado foi o alvo do Criador diante de todas as circunstâncias, fossem quais fossem. O homem perdeu a autoridade e o poder de transmitir vida, então Deus assumiu esse ministério, já pela incapacidade humana, mas não que Deus viesse tapar buracos. Ele continuou ao lado do ser humano, falando-lhe, ajudando e ensinado, por livre e soberana vontade. Aí está o cerne da graça de Deus, ou seja, na linguagem de Paulo, o apóstolo, Ele não considerou os tempos de ignorância vividos pela humanidade, mas enviou o seu Filho no tempo certo para redimir pecadores.

Nesta altura pode-se afirmar que a re-leitura do pentateuco poderá nos levar ao conhecimento do desenvolvimento do plano redentor de Deus e as maneiras pelas quais Ele agiu e age no mundo. Talvez, em língua portuguesa, a obra clássica de van Groningen, seja a mais completa ao expor sobre o messianismo no Antigo Testamento e ele o faz de modo exaustivo.

Pelo ângulo da antropologia, desde o pecado no Éden, o pentateuco é mais uma vez uma obra fundamental. De início o homem revela sua índole e do é capaz. Caim mata a seu próprio irmão e procura, com palavras relutantes, convencer o Senhor de que não é guardião de ninguém. A morte de Abel é uma mensagem básica diante da compreensão do que seja a relação entre o sofrimento e a alegria e entre a morte e a vida. Talvez por essa relação o escritor aos hebreus tenha registrado que o sangue de Abel continua anunciando vida, após seu sofrimento e morte, cf Hb 11.4. Isto significa que a vida continua sendo a área de Deus e a morte, área do homem. Pode-se afirmar que enquanto Deus é ser vivente, o homem é ser morrente. O homem que antes foi um ser vivente, agora, sob o poder da morte é carente de vida e somente Deus pode re-conceder-lhe vida por meio de Cristo.

A leitura do pentateuco nos mostrará que de um lado, Deus atua diante do homem, mesmo em pecado e de outro, o homem atua diante do Eterno, mesmo sob o domínio do veneno satânico que o impulsiona para a injustiça, para a iniquidade e para ações abomináveis. O Dilúvio, como ato punitivo de Deus, é uma prova dessa relação teológico-antropológica. Do lado divino há paciência graciosa, recheada por cento e vinte anos de anunciação. Do lado humano há uma permanência deliberada em atos de injustiça, de iniquidades e de abominações. Em meio a um quadro horrendo de distanciamento de seu Criador, surge uma pequenina fonte de graça redentora na pessoa de Noé. É interessante notar como, via de regra, os estudiosos da Bíblia iniciam suas reflexões sobre a graça de Deus nas epístolas apostólicas. Alguns sustentam suas argumentações bíblicas dividindo tempos divinos da lei e tempos divinos da graça, como se a graça de Deus fosse servidora da lei. Na leitura do pentateuco encontramos a fonte inesgotável da graça de Deus numa época completamente tomada pela devassidão do ser humano. O apóstolo Paulo entendeu essa verdade ao afirmar que *“onde abundou o pecado superabundou a graça”*.

A palavra de vida no chamamento de Abraão.



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

No plano teológico, as várias centenas de anos que se passaram de Noé até Abraão, constituiu-se num período pedagógico, onde os ecos do Dilúvio serviram de advertência. Pelas informações dos textos bíblicos, os homens, senão todos, pelo menos uma boa parte, resolveram providenciar sua própria redenção por meio da construção de um gigantesco zigurate, cf Gn 11. Deus visitou os homens, indagou deles suas intenções e objetivos. Descobriu que seus planos eram sérios e definitivos. O caminho da morte estava aberto e escancarado diante da vontade doentia do ser humano. Então Deus agiu por meio do chamado e da vocação de um homem arameu, rico e abastado, mas cheio de esperanças em dias melhores. A vida, por meio da graça redentora de Deus, deveria ser levada a todas as nações da terra. São as palavras do Eterno ao seu cooperador Abraão. *“Em ti serão benditas todas as famílias da terra”* cf Gn 12. A promessa é universal. Abraão creu, foi justificado, foi santificado e autorizado a transmitir vida ao mundo. É do coração de Abraão que tem início a história da relação entre Deus e seu povo. Agora são dois povos. Um é o povo de Deus, vocacionado, chamado e separado para conduzir as prerrogativas da vida ao mundo. Do outro lado estão os povos distantes de Deus em sua ignorância, idolatria, atos de injustiças e participando das inomináveis abominações. Deus se faz presente no meio de seu povo, ou melhor dizendo, o povo de Deus tornou-se sinal visível Deus no mundo.

A aliança de Deus com Abraão, de cunho universal, abre espaço para o que conhecemos como história do povo de Deus, tema bem elaborado e trabalhado por Walter Kaiser, em sua obra “Teologia do Antigo Testamento e por Gerhard von Rad, em sua obra, também chamada “Teologia do Antigo Testamento”. Kaiser nos privilegia pelo destaque da promessa da semente, cf Gn 3.15; pela promessa de que Deus habitaria as tendas de Sem, cf Gn 9.25-27 e pela promessa de vida com alcance mundial, cf Gn 12.1-3. O autor reivindica do estudante da Bíblia, maior cuidado com a exegese do texto da criação, exatamente porque julga que muitos eruditos excluem de suas exposições essa parte da Escritura. O segundo autor, von Rad, inicia seus escritos destacando um capítulo para dissertar sobre a fé de Israel em Javé. Nesse capítulo, quando fala sobre o papel da crítica literária, von Rad afirma: *“Assim sendo, o caminho que vai da exposição das fontes escritas ao acontecimento histórico, revela-se muito mais longo, pois o aspecto simplesmente histórico das fontes, tomada como ponto de partida pelos pais da crítica literária, é antes o estágio final a que chegou a longa história da interpretação da pré-história de Israel. Tudo é moldado pela fé e o próprio encadear dos acontecimentos, formando uma extensa marcha para a salvação, não é uma crônica histórica, mas uma afirmação da fé em Deus, que dirige os acontecimentos”*.

Notem, então, que teologicamente falando, Israel existe, nos pensamentos de Deus, antes da fundação do mundo, do mesmo modo como o apóstolo Pedro declara que, Jesus Cristo, cordeiro de Deus, foi, conhecido antes da fundação do mundo, cf I Pe 1.20. Ora, o tempo da pré-história de Israel foi marcado pela fé, onde homens santos procuraram separar-se, envergonhados, das obras de homens que praticavam a injustiça pela iniquidade de seus atos. Assim, a história da fé é matéria do pentateuco, começando com Gn 1.1.

A palavra nos corações dos santos de Deus.

Os eruditos, em sua maioria, concordam que a unção da soberania de Deus deu-se na libertação de Israel do Egito. Esse evento abre espaço para reflexões em várias áreas, como: A fidelidade de Deus diante de sua palavra dirigida aos antigos; O fato de Israel continuar o mesmo povo depois de viver por cerca de 430 anos numa terra cheia de ídolos e religiões fortes pode ser tido como milagre dos cuidados de Deus. Da escolha e vocação de Moisés para ser o intercessor entre Deus e seu povo; as demonstrações do poder de Deus diante dos ídolos famosos dos egípcios; a instituição da Páscoa como sinal de libertação e bênção, etc. são modos de se ler os milagres de Deus. Todos os acontecimentos visavam estreitar o relacionamento entre Deus e seu povo. Além disso, todos os acontecimentos tinham como objetivo maior fazer com que todo o povo liberto entendesse o projeto



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

de redenção que o Eterno estava levando avante, desde os tempos antigos. E, por fim, todos os eventos que se deram na saída do povo do Egito, queriam mostrar que a vida plena de Deus poderia desabrochar no seio de seu povo, para enfrentar o processo de morte, representado nessa ocasião pela multiplicidade religiosa dos egípcios. O Egito foi um túmulo aberto. As prerrogativas da morte desenvolvem-se com facilidade nas religiões e mistérios egípcios. Deus, então, intervém, com poder e graça, redimindo, libertando e dando vida plena a Israel. Mais tarde, versos, prosa, hinos, instrumentos e homens santos, cantaram as grandezas de Deus nesse processo de redenção.

Temos que encaminhar nossos pensamentos para a fundamentação da fé, que se torna elemento abrangente na compreensão de um Deus muito maior que todas as suas obras, maior que a história dos homens, maior que todas as culturas e ciências. Ele está por trás das palavras mosaicas, que foram instrumentos usados para iluminar nossos corações e nos encaminhar na direção do Eterno, por meio da fé.

Toda a grandeza do culto e da liturgia celebrados no Tabernáculo e mais tarde no Templo de Jerusalém, é uma amostragem simples sobre um Deus imensamente grande. Como já vimos, seus feitos e suas palavras deram-se numa perspectiva de relacionamento, atitude livre e graciosa para com seu povo. Toda a caminhada do êxodo até chegar às divisas da terra prometida, foi um período pedagógico, no qual o Senhor quis mostrar como era importante a comunhão em parceria, ou seja, Deus fazendo a sua parte e Israel cumprindo com sua parte. Nada complicado. Tudo simples e claro. O Deus todo-poderoso andava no meio do povo como se fosse um guia como qualquer outro ser. Deus não fazia demonstrações de grandeza e de superioridade. Falava em hebraico com Moisés, de modo claro e compreensível. Tratava de cada problema do povo, quer de sede ou de fome, como um pai de família, iluminava o caminho durante a noite e refrescava sua gente com a nuvem que os acobertava durante o dia. Os fatos que envolveram o povo e que redundaram em perdas, mortes e enfermidades, foram decorrentes da maldade residente nos corações das pessoas. Notem, que mesmo nessas circunstâncias adversas, ainda o que ficava patente era o amor e a graça de Deus. O projeto de Deus para o povo que transitava, agora, sob a perspectiva do Reino de Deus, era a vida e não para a morte.

O Dr. Wright, em sua obra “O Deus que Age”, afirma: “Ao contrário, o problema da existência era enfrentado na relação com a vontade e propósito redentor com vistas a todo o universo, cf Gn 12.3. E a eleição não se apoiava no mérito de um povo, mas na graça misteriosa. A realidade da eleição era confirmada pelos atos portentosos de Deus, manifestos e conhecidos de um modo particular na libertação do Egito e na dádiva da herança”. A história que se desenvolve ao redor da humanidade é construída por Deus e o Eterno transcende a natureza e a própria história. Por isso, a nossa fé não se fundamenta nos atos dos homens que constroem uma história, mas no Deus que antecede e comanda os fatos da história.

A palavra habita a terra.

O livro do Êxodo mostra a grandeza de um Deus todo-poderoso que ensina seu povo como viver bem em sua augusta presença. O livro de Números mostra a grandeza de Deus na condução de seu povo, sua organização interna, sua formação religiosa e social. O livro de Levítico mostra a grandeza de Deus na formulação do culto e sua liturgia. É o livro de Deuteronômio que nos mostra a dinâmica de Deus. Consideramos o quinto livro do pentateuco uma cartilha onde se rememora as palavras e os feitos de Deus e se ensina um novo povo como possuir a herança que o Eterno tinha prometido aos antigos. A literatura deuteronômica é uma das mais belas já conhecidas e utilizadas nas mais diversas ocasiões em tempos antigos e próximos. A grandeza da literatura deuteronômica está intimamente relacionada ao governo teocrático, proposto no Éden, numa visão de Reino Eterno. Ele mesmo declarou, quando o povo estava nas regiões de Refidim: “E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei seu Deus”, cf Êx 30.45. Essa compreensão se amplia com a palavra



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

profética denominando o Messias de “Emanuel”, que quer dizer “Deus conosco”, palavra que se cumpriu com o nascimento de Jesus de Nazaré, cf Mt 1.23, lembrando Isaías 7.14.

Por isso, dizemos, formando um coro com muitos eruditos da Bíblia que, a luz deuteronomica brilhou nas palavras e nos feitos de Jesus Cristo, nosso Senhor. Do mesmo modo como Moisés rememorou, aos ouvidos do povo dos seus dias, os feitos e as palavras do Eterno, Jesus, à semelhança de Moisés, rememorou na perspectiva do espírito, as palavras e os feitos do Pai Amado, desde a fundação do mundo. Aos ouvidos dos hebreus repetiu muitas vezes: “Ouvistes o que foi dito aos antigos (...); Eu, porém, vos digo (...).

Qual a mensagem que o pentateuco nos tem passado? Que o Deus Eterno, Todo-poderoso, terno e bondoso em seus feitos e fiel em sua palavra, agiu, age e agirá em nosso espírito, falando aos nossos corações como Pai amado e Deus de nossa salvação.



SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE JESUS

Santo, **E**vangelista, **M**inistro, **E**rudito, **A**pto, **R**eto

Bibliografia:

- Alonso Schökel – A Palavra Inspirada
Edições Loyola – São Paulo – 1992.
- Archer Jr. Gleason – Merece Confiança o Antigo Testamento – Panorama de Introdução
Vida Nova – São Paulo – 1974 – 1a. edição
- Kaiser Jr. Walter C. - Teologia do Antigo Testamento
Vida Nova – São Paulo – 1980
- Martin-achard, Robert – Como Ler o Antigo Testamento
ASTE – São Paulo – 1970
- Shreiner, Josef – Palavra e Mensagem do Antigo Testamento
Teológica – São Paulo – 2004.
- Van Groningen, Gerard – Revelação Messiânica no Velho Testamento
Luz Para o Evangelho – Campinas – SP, 1995
- Von Rad, Gerhard – Teologia do Antigo Testamento
ASTE – São Paulo – 1986
- Wright, G. Ernest – O Deus que Age
ASTE – São Paulo - 1967
- Young, Edward J. - Introdução ao Antigo Testamento
Vida Nova – São Paulo – 1964